

des pelo governo do Estado para serem distribuídos a autoridades.

Apesar de citado e entrevistado inúmeras vezes por publicações nacionais e internacionais, muitos sul-mato-grossenses desconhecem Barros e suas 12 obras. Para o filólogo Antônio Houaiss, ex-ministro da Educação e Cultura, Barros “tem lugar assegurado entre a melhor poesia já produzida no Brasil”. O entusiasmo do “fã” se revela ainda mais quando ele relata que “meu entusiasmo em relação a Barros vem desde seu primeiro livro e deriva do fato de que ele é quantitativamente um moderado, econômico em si e nas coisas, mas que sempre aparece renovado”.

Giovanni Ricciard, professor de Literatura Brasileira na Universidade de Bari, Itália, ao escrever “Autos-Retratos” onde relata a história de vida de escritores brasileiros como Mário Quintana, Raquel de Queiroz e Jorge Amado, também fala de Barros dedicando a ele 12 páginas de pura emoção e humildade, como é mesmo a personalidade do poeta.

A sofisticada revista de arte “El Paseante”, editada na Espanha, dedicou ao Brasil um número especial em 1989 onde publica uma seleção de poemas de Barros. Dividem as páginas da revista com ele Clarice Lispector, João Ubaldo Ribeiro, Ruben Fonseca e João Cabral de Mello Neto. Para Arnaldo Jabor, articulista da Folha de São Paulo, “Barros nos dá em sua poesia o descanso da gritaria brasileira”. Semelhante admiração tem o jornalista Millôr Fernandes, fã incondicional de Barros e que fez a capa de seu sétimo livro.



Manoel de Barros: homenageado

Barros não fala para televisões e rádios. Todo jornalista que o entrevista - a grande maioria por escrito e sem prazo para entregar as respostas - se gaba da proeza. Primeiro porque o poeta é arredio à imprensa. Isso talvez pelo tratamento que a dita “crítica especializada” lhe deu no início de suas carreiras. Foi o próprio Manoel de Barros quem teve de assumir pessoalmente a publicação de seus primeiros livros, que distribuía aos amigos e dos quais nem ele possui exemplares.

A proeza também se deve ao fato de Barros responder as perguntas na mesma linguagem dos poemas, transformando pautas em viagens ao coração da arte. A maior prova do sucesso nacional de Barros - e o anonimato para com os sul-mato-grossenses são as inúmeras páginas inteiras e duplas que seu novo livro (“O Livro das Ignoranças”) está tendo em jornais de grande circulação, e os raros registros da imprensa local.

VIDA EM RIMAS

Manoel de Barros nasceu em Cuiabá (MT), no dia 19 de dezembro de 1916, e mudou-se com um ano para Corumbá, onde passou a meninice e a infância. Seu primeiro livro “Cabeludinho” ou

“Poemas Concebidos sem Pecado”, publicou em 1937, quando era estudante de Direito no Rio de Janeiro, se “simpatizava” pelo Partido Comunista e já tinha o nome na lista da Polícia do Estado Novo.

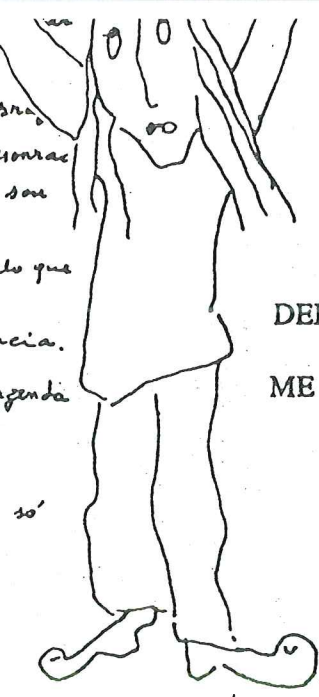
Nos anos 40 morou em Nova Iorque e cidades da Bolívia, Peru, Itália e Portugal. Em 1942 já publicava seu segundo livro, “Face Imóvel”, e em 1956, o terceiro “Poesias”. Na confecção de seus livros, que jamais excedem a 400 versos, o poeta traduz invariavelmente volumosas resmas de escritos. Para chegar a “O Guardador de Águas”, em 1989, encheu 32 cadernos.

As obras de Manoel de Barros são as seguintes:

- 1937 - Poemas Concebidos Sem Pecados
- 1942 - Face Imóvel
- 1956 - Poesias
- 1961 - Compêndio para Uso dos Pássaros
- 1969 - Gramática Expositiva do Chão
- 1974 - Matéria da Poesia
- 1982 - Arranjos para Assobio
- 1985 - Livro de Pré-Coisas
- 1989 - O Guardador de Águas
- 1990 - Concerto a Céu Aberto para Solo de Ave
- 1990 - Gramática quase expostiva
- 1993 - Livro das Ignoranças

...prosa... em alguns momentos por gente...
Entre pedras e lagartos.
Fazer o desprezível ou prezado é coisa que me apraz.
Já publiquei 10 livros de poesia, mas sinto meu desonra...
do publicá-los e fui para o Pantanal onde sou
abençoado de garças.
Me procurei a vida inteira e não me achei, pelo que
fui salvo.
Desejui que todos os caminhos levam à ignorância.
Não fui para a sarjeta porque herdou uma fazenda
de gado. Os bois me recuam:
Agona eu sou tão oroso!
Estou na categoria de sofrer do moral, porque só
faço coisas imiteis.
No meu morrer tem uma dor de árvore.

Manoel de Barros



DEIXEI UMA AVE
ME AMANHECER.

Manoel de Barros

O que pensar sobre Manoel de Barros

“O importante em Manoel de Barros é que ele faz pesquisa a favor e não contra o leitor. Isto é, busca sempre novos meios de ser entendido, fugindo à pose dos herméticos das torres de marfim”.

(Lago Burnett)

“A caminhar em direção ao coleante, ao úmido, ao viscoso, elementos mediadores que produzem impressões sensoriais ambíguas e não se ajustam perfeitamente a um sistema, a poé-

tica de Manoel de Barros incorpora o ambíguo, o difuso, o descentrado; desconcerta e arrebatou o leitor”.

(Lúcia Castello Branco)

“Acreditamos que o novo, em Manoel de Barros, não está na alça de mira: está na própria não que aciona o gatilho”.

(Pulinho Assunção)

“... este grande poeta chamado Manoel de Barros, que conhece a língua dos bichos do

Pantanal e nada faz para atrapalhar a harmonia pré-homo sapiens. Como homo ludens, vem à Cidade para rir e volta ao mato para anotar”.

(Fausto Wolff)

“Sobre essa realidade brasileira, mato-grossense e distante, vibra o super-real desse poeta, seus valores desvaierados, um universo de puro des-temor à memória e ao seu cruel encantamento”.

(Ismael Cardim)

220

FUNDACAO DO CINEMA BRASILEIRO
F 1767
PESQUISA

ESTADO DE SAO PAULO

ABADO DE 1981 PAIS

22.1.12.89

Cap. 2 - pag. 3

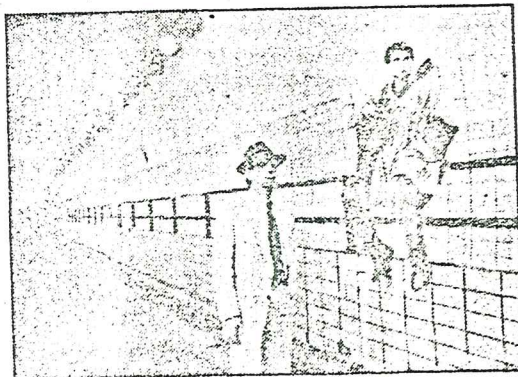
Curta-metragem

Um filme-poema para homenagear Manoel de Barros

Um caramujo passeia sobre o relógio, o tempo; um jacaré dribla a vigilância do metrô e olha Rubens Correa; a câmera reproduz o vaivém de um balanço e filma Ney Matogrosso de costas. São imagens estranhas de um delicado curta-metragem que entra hoje em cartaz em São Paulo. No Cinesesc, *Caramujo Flor* serve como complemento para *O Anjo Exterminador*: o filme de Luís Buñuel, por si só, justificaria a ida à sala da Rua Augusta. Com o reforço do trabalho de Joel Pizzini, é um programa que deve estar obrigatoriamente na mira de qualquer espectador que se preze.

Muito já se falou, este ano, sobre o boom do curta-metragem. Face à estagnação geral do cinema brasileiro, com poucos destaques para alimentar a expectativa no longa-metragem, o público e os críticos transferiram para o curta o foco de suas atenções. No último Festival de Gramado, eles arramaram a festa. Dois em especial: *A Ilha das Flores*, de Jorge Furtado, e *Caramujo-Flor*, de Joel Pizzini. Um corte estético-político-social, na realidade para mostrar como funcionam as relações de produção e troca no sistema capitalista e um filme-poema que resgata a produção de um poeta que, mesmo pouco conhecido, não deixa de ser colocado entre os maiores da língua portuguesa na atualidade — Manoel de Barros.

"Olho é uma coisa que participa o silêncio dos outros"; "A gente é rascunho de pássaro. Não acabaram de fazer...": é entre essas duas citações do poeta que vive no Pantanal Mato-grossense que se desenvolve *Caramujo Flor*. É uma colagem de imagens e sons que, expressando a poesia de Manoel de Barros, também permite a Joel Pizzini investigar o cinema e sua relação com a palavra. O resultado é puro encantamento para os olhos e ouvidos, com bela fotografia de Pedro Farkas e elaborada trilha de Lívio Tragtenberg, ajudando a entender por que *Caramujo Flor* é considerado um dos melhores curtas da atual safra do cinema nacional. (L.C.M.).



Ney Matogrosso, o poeta em *Caramujo Flor*

Caramujo Flor, Nacional, 1989. Direção de Joel Pizzini, com Ney Matogrosso, Rubens Correa, Tati Spindola e Aracy Balabanian.

No Cinesesc (Rua Augusta, 2.075), a partir de hoje, como complemento do longa *O Anjo Exterminador*, de Luís Buñuel.



Caramujo-Flor é aplaudido

Um distante tempo de amar, que concorre ao Kikito de melhor curta gaúcho, evoca logo de saída o legendário *Limite*, de Mário Peixoto. Há um homem pensativo que, num barco, rememora seu encontro com uma moça. Seguindo a trilha de Peixoto, Antônio Carlos Textor dispensou completamente falas e diálogos. Só que as imagens pretensamente poéticas e uma trilha sonora de lascar não compensam a ausência de palavras. O resultado não ultrapassa o amadorístico embora o diretor tenha no currículo vinte curtas.

Caramujo-Flor repetiu em Gramado o sucesso que obteve no Festival de Brasília, de onde saiu com os prêmios de melhor direção (Joel Pizzini) e fotografia (Pedro Farkas). Foi até agora o filme mais aplaudido da mostra oficial. Um belo ensaio poético que conjuga a perfeição, a simplicidade e o refinamento, o que é muito considerando a condição de estreado do jovem diretor mato-grossense.

Para homenagear o poeta conterrâneo Manuel de Barros, Pizzini passou longe do didatismo rançoso que predomina no curta brasileiro. Preferiu incorporar a essência da poesia de Barros, representado por Ney Matogrosso e Rubens Correio. Por isso diz que é um filme "sob" a obra do poeta. As imagens — magníficas — confrontam as duas facetas do personagem (a urbana e a rural), exemplarmente traduzidas pelo jacaré do Pantanal que aparece passando por uma roleta do metrô carioca, ou pela lesma que passeia pelo rosto de Ney Matogrosso. *Caramujo-Flor* é um filme apaixonado pela natureza do Pantanal.

(Sérgio Bazi)

Correio Braziliense, Brasília

14 junho 1989

Caderno Dois

204
ULTIMA HORA

21.08.89

Pág. 3/VH REVISTA

FUNDAÇÃO DO CINEMA BRASILEIRO
F1767
PESQUISA

Homenagem a um poeta

Divulgação Tânia Volpi



"Caramujo-flor" traz Ney Matogrosso interpretando o Cabeludinho

No Estação Botafogo, o curta "Caramujo-flor", de Joel Pizzini, fala sobre a obra de Manoel de Barros

Um filme sobre a poesia de Manoel de Barros, sem a pretensão de ser em momento algum um documentário sobre a vida desse poeta matogrossense. Assim é o curta-metragem "Caramujo-flor", que entra em cartaz hoje no Cineclube Estação Botafogo, acompanhando o cult movie "Providence", de Alain Resnais. Na direção, o estreante Joel Pizzini, nascido no Rio mas criado no Mato Grosso e apaixonado pela obra de Barros, poeta não muito conhecido do público mas cultuado pela intelectualidade brasileira. Drummond, Antonio Houaiss e Millôr Fernandes já se confessaram seus fãs. "O que mais me chamou a atenção na obra dele é que, mesmo sendo ligada ao Pantanal, ela transcende e é universal", diz Joel.

O primeiro passo para fazer "Caramujo-flor" foi dobrar a resistência do próprio poeta. "A primeira reação dele foi de medo. Não queria falar sobre a sua vida e nem eu queria fazer nada tipo reportagem. Com muita pesquisa, criei uma tal cumplicidade com a sua obra que me libertei dela e consegui uma autonomia. Assim nasceu o filme". Durante um ano e meio, Joel viveu "Caramujo-

flor". A escolha dos artistas que participaram também foi bastante criteriosa. O Cabeludinho, que representa o corpo do poeta, é interpretado por Ney Matogrosso. O lado expressivo e reflexivo, o Andarilho, é vivido por Rubens Corrêa. Tetê Espíndola encarna a dimensão sonora, da sua obra, enquanto Aracy Balabanian vive o ponto de vista da província, que acha estranha aquela poesia. Todos nascidos no Pantanal, eles vieram para os grandes centros tentar a vida. A trajetória é idêntica à de Manoel de Barros, que, na década de 40, viveu no Rio o seu período de efervescência poética, ao lado de Guimarães Rosa.

A primeira vez que "Caramujo-flor" foi exibido, no Festival de Brasília, ganhou os prêmios de melhor direção, fotografia e o Prêmio Especial da UNB. Em Gramado, mesmo cotado, uma decepção: não levou nenhum Kikito. "O filme, muito aberto, é incoerente com a obra do poeta, que é muito detalhista", foi a desculpa dos jurados. Surpreso com sua ausência na lista dos premiados, Joel se contentou com os elogios recebidos de toda a imprensa especializada. (Elaine Barros)

FUNDAÇÃO DO CINEMA BRASILEIRO
F 1767
PESQUISA

Curta Caramujo Flor inova com simplicidade e imediata emoção

Filme de estréia do diretor Joel Pizzini enfoca obra do poeta Manoel de Barros

Éverson Faganelo, de Gramado



Se houve ao longo dos dois primeiros dias deste 17º Festival de Cinema Brasileiro de Gramado alguma coisa de fato expressiva, foi a exibição na competição oficial do curta-metragem Caramujo Flor, trabalho do diretor es-

treante Joel Pizzini sobre a poesia do sul-matogrossense Manoel de Barros.

Manoel, de 72 anos, autor de oito livros de poemas, vem produzindo há mais de 50 anos uma obra elogiada com unanimidade, mas ficou escondido e sem receber o real valor por muito tempo. Com a realização de Caramujo Flor e as últimas investidas da imprensa, o poeta aos poucos vai sendo redescoberto.

Caramujo Flor é antes de tudo uma primorosa celebração à beleza, um filme fora de qualquer qualificação objetiva sobre gênero ou escola estética. Joel Pizzini recolheu centenas de imagens e com elas compôs um painel fragmentado, uma colagem através da qual se percebe a trajetória imaginária e lúdica de Cabeludinho (Ney Matogrosso) e Andarilho (Rubens Correa), expressões opostas do poeta que vaga por universos ambíguos.

A fina-flor matogrossense está em Caramujo Flor: além de Ney e Rubens Correa, Tetê Espindola, Almir Sater e Aracy Balabanian estão no elenco (se é possível



Ney Matogrosso é o personagem lúdico Cabeludinho

classificar assim). Rubens e Ney caminham — o primeiro perto do mar, urbano. O outro mergulhado na mística natureza do Pantanal, com suas grutas, pássaros, árvores, rios, frutas e, sobretudo, sensações perceptíveis apenas para os poetas.

Não há sequência lógica para contar com Cabeludinho e Andarilho as passagens na vida do poeta, que já esteve na cidade grande, perdeu o pai e embrenhou-se definitivamente para perto de suas cachoeiras. Rubens Correa compartilha o metrô de São Paulo com um jacaré do Pantanal (ele faz o poeta surrealista, universal, como o que Antonin Artaud desenvolveu no teatro) e Ney Matogros-

so atravessa os lagos cristalinos. No túnel da cidade Almir Sater improvisa viola caipira. Na beira do rio, Tetê Espindola canta como os pássaros e pulsa a música eletroacústica de Livio Tragtenberg (com fragmentos de Erik Satie).

Criando um universo poético com as imagens altamente sensíveis captadas por Pedro Farkas, Caramujo Flor pode até ser um filme que resgata elementos do experimentalismo dos anos 60, reprocessando-os com uma estilização adequada para a poesia de Barros. Mas não deixa de ser novo, só por causa de sua absurda simplicidade e imediata emoção.

O Estado, Florianópolis
14 Jun. 1989

167

O Sr. Manoel de Barros — é bom não contrariar os homens galandolhecos, nomes de forma diversa da que eles desejam — é um poeta moderno. Moderníssimo. "Face Imovel" é o título com que entendeu trinta e dois poemas em cinquenta e três páginas numa "plaquette" da Editora Século XX. "Face Imovel" terá muitas virtudes que os iniciados da poesia moderníssima entenderão. Para nós, alguns de seus poemas têm a maior das virtudes, a síntese. Este exemplo ilustrará o leitor: "Aurora de front" é o seu título. Agora, o poema:

"Das mãos calam rezas como orvalho
caiam rezas das mãos curvas
sobre a aurora entrevista
no fantástico andar de um gato!"

E' ou não uma grande vantagem — não diremos virtude, é passado ou deve sê-lo — a gente tomar conhecimento da "Aurora de front" em quatro versos, apenas?...

LUC.



Sr. Manoel de Barros

O GLOBO
RIO DE JANEIRO
5 de Novembro de 1942

"FACE IMOVEL"
LANÇADO UM SUGESTIVO
CADERNO DE POEMAS

A Editora Século XX acaba de lançar, em belo trabalho gráfico, o livro de poemas de Manoel de Barros intitulado "Face Imovel".

Trata-se da saudação de um poeta de grandes possibilidades, que se preocupa tanto com a forma exterior, como com a forma interior de seus versos, deixando de lado as virtuosidades que vêm procurando destruir as verdadeiras experiências poéticas, e buscando sempre uma fiel representação de seu admirável e estranho estado de sensibilidade.

De um sugestivo lirismo, o livro de Manoel de Barros, onde podemos surpreender poemas belíssimos, vem revelar, de modo inequívoco, mais uma vocação poética que, sem favor, pode enfileirar-se entre os mais expressivos talentos da nova geração.

Gazeta de Alagoas
MACEIO
Alagoas
25 NOV 1942

N H E C O L A N D I A

A Nhecolândia é uma fértil e esplêndida região do município de Corumbá, onde um grupo coeso de fazendas dá aos que a visitam o magnífico espetáculo de trabalho e estupendas realizações agro-pecuárias e sociais de que todos os corumbaenses justamente se ufamam.

Joaquim Eugênio Gomes da Silva, "Nhêco", filho dos barões de Vila Maria, nascido em 1856, foi o iniciador da tão grande e benemerita empresa do povoamento e cultivo e trato dessa região hoje sob o seu nome.

Varão de lucida inteligência e inquebrantável ânimo, foi o legítimo bandeirante descobridor e promotor de todo esse estado de cousas, de toda essa riqueza. Sua exmã sra. e seus descendentes proseguiram no empreendimento de maneira digna do grande chefe, e, por sua vez, todos os atuais dirigentes e trabalhadores da Nhecolândia em nada desmerecem de seus predecessores.

Hoje a Nhecolândia é a mais plena realização do vaticínio de seu fundador, que lhe previra o esplêndido futuro. A privilegiada região confina ao norte com o Corixão e o rio Taquary, ao sul com o rio Negro e com a fazenda "Rio Negro", ao nascente com a divisória Coxim-Corumbá e ao poente com o rio Paraguai. Toda essa enorme área é coberta de pastagens de primeira ordem, que muitos competentes equiparam ao jaraguá e ao capim gordura.

Preciosíssimas são as árvores, as matas locais. Vêm-se o carandá, arvóres taníferas, o babassú ou aguassú, a mangabeira, cujo latex se usa na feitura manual de ponchos impermeáveis.

E da fauna basta dizer que é incomparavelmente mais abundante.

Na linda fazenda FIRME, de propriedade do Dr. Estevam Gomes da Silva, pousam para o "Anuário" as gentis senhorinhas Estela Zorron, Ursina de Freitas e Noemia.

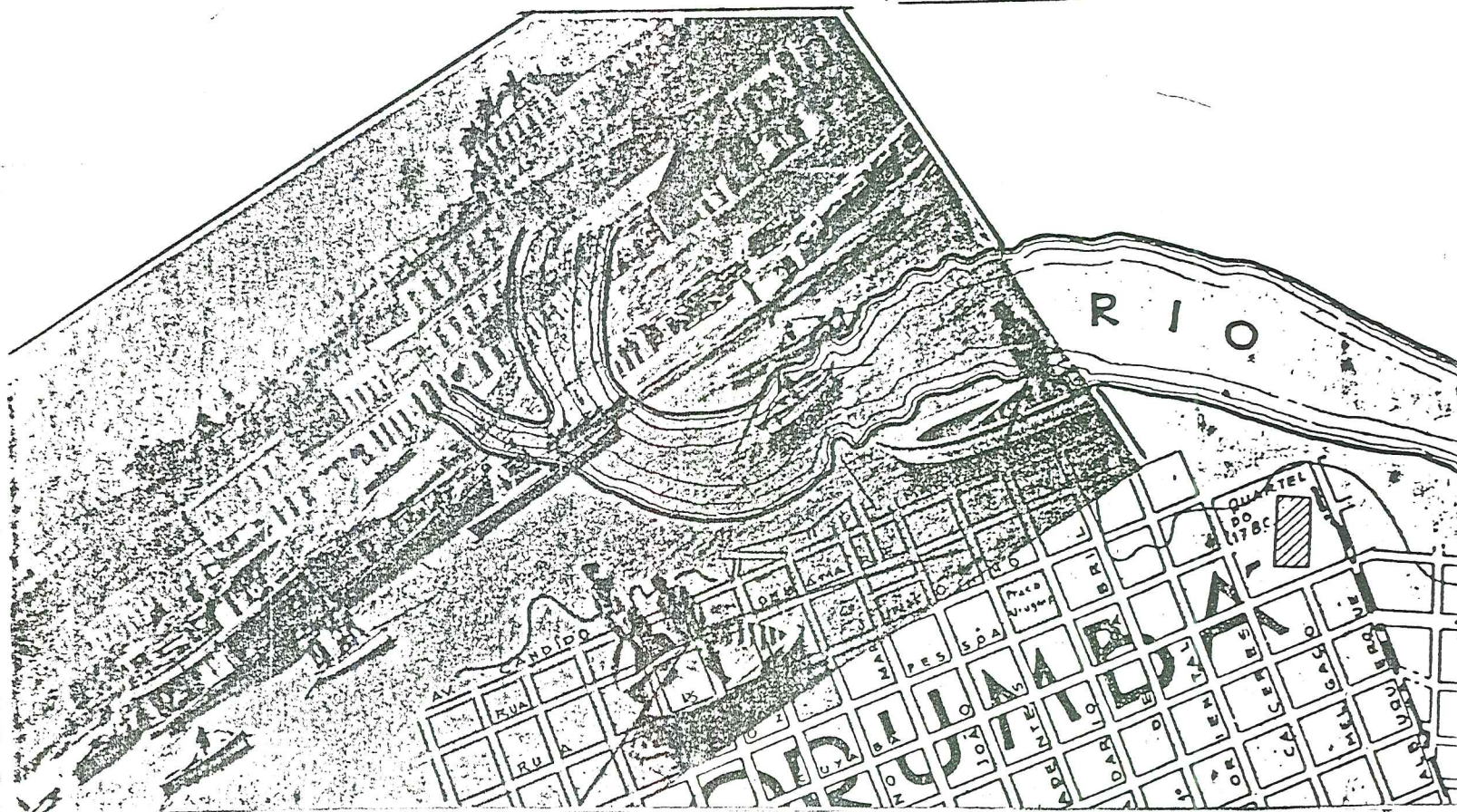


Habitat do Caramujo-Flor, a NHECOLÂNDIA é a fonte onde o poeta acumula genialidades.



Edições limitadas, os livros de Manoel de Barros estão praticamente esgotados. Só uma Antologia organizada "recompensaria" esse "indivíduo que enxerga somente germinar e engole céu/espécie de vazadouro para contradições/sabiá com trevas/sujeito/

inviável: aberto aos desentendimentos como um rosto." (definição de poeta p/o poeta)



LIVROS DA SEMANA

"GEOGRAFIA LITERÁRIA"

538

Sob o título genérico de "Geografia Literária", reúne o poeta Mauro Mota trabalhos que têm como ponto de convergência o Nordeste, "um pouco de sua literatura geográfica", diz ele, "e de sua geografia literária". Embora se estabeleça ligação lateral com o ramo da crítica que leva esse nome, não é um título pelo título: pelo menos dois estudos, "A geografia na literatura" e "Um ABC da geografia humana", o justificam amplamente. São na maioria trabalhos destinados a um auditorio, isto é, para ser lidos, o que perderiam em sobreposição instrumental, ganham em clareza, em consistência, em conteúdo. A longa página inicial sobre Austro-Costa é uma reconstituição preciosa no saudosismo poeta das Mulheres e Rosas, que teve seus dias de glória e que perdeu a vida "par delicatesse". De não menor mérito aquela sobre Gilberto Freyre e o Recife, ou ainda a que trata do regionalismo no Nordeste. O poeta Mauro Mota, que já se revelara um bom ensaísta com seu trabalho sobre o Sineiro e um admirável prosador com as crônicas de "Capitão de Fandango", ultrapassa as limitações das palestras de professor e das orações de acadêmico para nos trazer sua contribuição vivida ao estudo das letras e dos autores nordestinos. (Edição do L.N.L., 1961)

"MANA SILVERIA"

Em 1960 saiu em Portugal um ensaio de Zacarias de Oliveira sobre "O padre no romance português". Brito Broca, há pouco tragicamente des-

parecido, tem um trabalho de pesquisa sobre o mesmo assunto, transposto para a literatura brasileira. O padre foi uma figura obrigatória do romance naturalista, nem sempre (ou quase nunca) nimbado de sua aura sacerdotal. Este "Mana Silveria" que a Civilização Brasileira acaba de reeditar é daqueles em que as "nupcias sacrilegas" de um padre são descritas em cores mais carregadas. Não falta sequer o elemento de choque, no fato de sua concubina ser uma criatura de vida fácil. Estamos lendo o romance pela primeira vez e ele é surpreendentemente bom, apesar das ingenuidades do seu realismo de palavras. Cenas como o suplício do formigueiro revelam bom pulso de romancista. Canto e Mello (1866-1934), escritor gaúcho cuja obra desconhecíamos, comparece ante a posteridade com um livro que bem pode resgatá-lo para sempre do esquecimento. Mesmo o tom melodramático que de vez em quando aflige sua fabulação (herança visível do folhetim romântico, a que o autor rende claro tributo naquela reticenciosa e enigmática ironia final) pode contribuir para aguçar a curiosidade do leitor moderno. Capa muito boa de Eugênio Hirsch.

"COMPENDIO PARA USO DOS PASSAROS"

Em primeiro lugar, e sem intenção de "blague", chamamos a atenção para a capa do livro, cujo autor tem apenas cinco anos de idade. É o sr. João Wenceslau Leite de Barros, talvez o engenheiro gráfico mais jovem do mundo. "Compendio para uso dos passaros", de Manoel de Barros, e pouco mais que uma plaqueta, com suas 60 páginas, no entanto, mais que suficiente para que o poeta se afirme na sua densidade lírica. O livro divide-se em duas partes. Na primeira, o poeta adota uma espécie de Weltanschauung infantil, que esconde sua dificuldade na própria

formulação e em alguns recursos retóricos (ex. "com seus cantos rozejados de lábios"). A imagética é sensorialmente intuitiva (ex. "O rio passava / os sussurros da noite", ou "Ainda estavam verdes as estrelas"). Na segunda parte, desde o poema inicial, Manoel de Barros postula uma arte poética em essência no diferente da anterior, mas que pressupõe uma visão adulta e menos mágica do mundo. Procura desentranhar a poesia das coisas (há uma esclarecedora epígrafe de Jorge de Lima: "Como conhecer as coisas sendo-as?"). É um lirismo construído com todos os sentidos, sem hermetismos fáceis. (Ed. Livraria São José, 1961)

"CORACAO, CABECA E ESTOMAGO"

Na sua excelente introdução, Adolfo Casais Monteiro procura aliar o leitor brasileiro em geral e o leitor machadiano em particular com a sugestão de que Camilo Castelo Branco, em "Coração, cabeça e estômago", foi "machadiano avant la lettre". Os machadianos podem ficar envidados, mas os camilianos (e no Brasil ainda os há) poderão meditar no triste destino de Camilo, esse de ser adjetivado por um autor inferior a ele, numa inversão de grandezas inclusiva de ordem temporal. Na constelação camiliana (e aqui não concordamos inteiramente com o prefaciador), esse romance não pode ser considerado uma estreia de primeira grandeza, com todo o seu inenso mérito. Nem é rigorosamente uma obra-prima, pelo menos em face de livros superiores do próprio Camilo. Para um contato inicial com o grande escritor português, recomendamos antes as "Novelas do Minho" ou "A Brasileira de Piaçins", à parte naturalmente o celeberrimo "Amor de Perdição". Recorramos ainda que as justificativas que Casais Monteiro aduz no prefácio e sobretudo o glossário final venham complicar ainda mais a lenda de que Camilo seja um escritor difícil. Nas

edições para o grande público, é sempre melhor deixar o autor confiado à sua própria força, ou o mínimo de aparato apologético. Seja como for, é uma idéia muito boa colocar o grande prosaico ao alcance do leitor brasileiro em roupagens modernas (a capa de Hirsch). Ninguém perde e descobrir ou redescobrir Camilo. (Ed. Civilização Brasileira, 1961)

"O CAVALO ESPANTADO"

Em recente entrevista, falou Alves Redol de seu último romance, que constitui um pas diferente em sua carreira de escritor. "O Cavalo Espantado", disse ele, "é ainda um livro de aprendizado, para quem entende que a vida é sempre algo de inesperado e de maravilhoso, suscetível de se aprender até à morte de um homem, suscetível de servir, também na experiência destes aos homens que abrem os olhos para o mundo no momento em que o escritor fecha os seus". Informou que a idéia do livro vinha de anos que não a concretizara "por tardar a unidade adequada entre a forma e o conteúdo desse drama individual e, ao mesmo tempo, coletivo". Os muitos leitores de Redol devem reagir com uma surpresa inicial ante "O Cavalo Espantado", com sua temática (refugiados de guerra) e sua localização (o meio urbano) não incluídas na esfera imediata de indagações do romancista. Surpreenderá talvez mais a técnica arrojadamente contrapontística, o uso do "stream of consciousness", num escrito que se supunha direto, quase agressivamente linear em sua apresentação dos dramas humanos. Há um tratamento do tempo (interior e exterior), que mostra um Alves Redol preocupado com experiências formais, experiências, e não aventuras. À leitura, podemos compreender por que teve ele de esperar pelo encontro da adequação entre a forma e o conteúdo. (Ed. Portuguesa, de Lisboa; capa, ótima, de Câmara Leme, 1961)

23 DEZ 1989

DIÁRIO POPULAR

SÃO PAULO

Caramujo é um poema visual

CLÉBER EDUARDO DOS SANTOS

Quando o bote está afundando, prancha salva-vidas vira transatlântico. É o que tem acontecido com a nova safra de "curta-metragistas" brasileiros, incumbida pelos críticos de salvar a vida do problemático cinema nacional. Embora possamos nos deparar com autênticas obras-primas como Ilhas das Flores (do gaúcho Jorge Furtado, multipremiado no último Festival de Gramado), a maior parte da produção de filmes de curta duração vem sendo vitimada pelo sensacionalismo superestimante da imprensa especializada.

Pois é nesse universo de exagerada paparicação que está se consolidando o prestígio de Caramujo Flor, um poema encantadoramente visual, baseado na fragmentação de textos do poeta matogrossense Manoel de Barros, e dirigido pelo estreante Joel Pizzini. Nascido em Dourados, há 29 anos, Pizzini ingressou no cinema através do academicismo universitário, praticado na faculdade de jornalismo de Curitiba. Depois de trabalhar como assistente de Syvlio Back (em A Guerra do Brasil) e João Batista de Andrade (em O

País dos Tenentes), surgiu a idéia de um projeto de sua própria autoria, que o permitisse mesclar sua admiração pelo trato das imagens com o caráter investigativo que delineia sua personalidade.

Mas Caramujo Flor também nasceu de duas paixões do diretor: a poesia e seu Estado natal, Mato Grosso. Como quem se sente inconscientemente deslumbrado com uma realidade que sempre o cercou, Pizzini foge de uma lógica dramática convencional e explora sua subjetividade para filtrar as sensações emanadas do universo poético, compondo uma sucessão de imagens interessantes, interligadas por um processo de edição preciso e criativo. A fotografia de Pedro Farkas (Ele, o Boto) flagra detalhes do pantanal, colocando-nos em contato com lesmas, caramujos e paisagens de intensa beleza.

Não por acaso, todos os integrantes do elenco são originários do Estado enfocado. Assim, as presenças de Ney Matogrosso (que desmarcou uma excursão na Europa para filmar), Rubens Corrêa, Tetê Espindola (que trabalha grávida e empresta sua expressiva capacidade



O diretor Joel Pizzini conversa com Tetê Espindola, nas filmagens

vocal para compor parte da trilha sonora), Aracy Balabanian e Almir Sater representam um retorno deles, inteiros, com particularidades do solo natal.

Premiado em vários festivais brasileiros, Caramujo Flor foi comercializado pela Abril Vídeo e será lançado brevemente no mercado de fitas seladas. Segundo Pizzini, o interesse em torno de seu filme tem muito a ver com a repercussão promovida pelos críticos, que, ainda segundo ele, têm lhe abrido muitas portas. Tanto que já existe um projeto de se rodar um curta com financiamento estrangeiro. Será uma fic-

ção meio maluca, inspirada no quadro O Enigma do Dia (título do filme), do pintor italiano Giorgio De Chirico, considerado o inventor da pintura metafísica. Quem quiser conferir o trabalho de Pizzini, basta comparecer ao Cinesesc, um pouco antes da exibição de O Anjo Exterminador, de Luiz Buñel. O filme entrou em circuito ontem.

GAZETILHA LITERARIA

OS PRÊMIOS DO INSTITUTO

Ao que tudo indica, este ano não serão concedidos os Prêmios Literários que o Instituto Nacional do Livro vinha distribuindo a obras, nos vários gêneros, publicadas no ano anterior. Essas láureas, se não nos enganamos, ascendiam a oito, a Cr\$ 100.000,00 cada, num total de Cr\$ 800.000,00 anuais.

Ao assumir a direção do I.N.L., o escritor Augusto Meyer resolveu modificar o sistema que obedeciam esses prêmios, instituídos por portaria do seu antecessor. Essa modificação seria no sentido de destiná-los exclusivamente a obras relacionadas com os objetivos daquela entidade, isto é, estudos bibliográficos, biobibliográficos. Não seriam concedidos depois da publicação dessas obras, mas antes, como amparo econômico, incentivo e estímulo para a realização de tão árduos trabalhos. Sabe-se que livros dessa natureza, de caráter nitidamente cultural e erudito, tem círculo restrito de leitores e não oferecem interesse comercial, não obstante a sua alta importância. Pretende assim o Diretor do Instituto do Livro estabelecer um plano para financiamento de pesquisas bibliográficas e biobibliográficas, edições críticas, etc., dentro dessa orientação de estimular as obras de estudos e de pesquisas.

Por outro lado, como ajuda às obras de ficção e de poesia, de criação literária em geral, seria mantida, como é obedecida anualmente, a compra de exemplares segundo o plano de aquisição, a cargo de uma comissão disciplinadora.

Não sabemos como será recebida pelos autores a extinção daqueles prêmios que já vinham se tornando uma constante em nossa vida intelectual. Por outro lado, o plano do diretor do I.N.L. de estimular as obras de erudição e de pesquisa é louvável. O que é preciso, em qualquer dos casos, é que seja baixada quanto antes uma portaria disciplinando a matéria, pois de outro modo o Instituto não atenderá nem a uma coisa nem a outra.

PRÓXIMAS EDIÇÕES DA BOA LEITURA

A Boa Leitura Editora, ligada às organizações Melhoramentos, está anunciando as seguintes obras a serem publicadas próximamente: «Gargalhada na Escuridão», de Nabokov, em tradução de Breno Silveira, o mesmo que traduziu a «Lolita», do mesmo autor; «Vitória», romance de Knut Hamsun, acompanhado de «O Sonhador», do mesmo autor, volume inicial de uma reedição das obras de Knut Hamsun; «Amor e Felicidade no Casamento», de Fritz Kahn, célebre autor de «Nossa Vida Sexual», e outros.

Boa Leitura pretende ainda estimular a publicação de autores nacionais, lançando livros de Vilmar Sassi, Ondina Ferreira, Paulo Siqueira Cardoso, Barros Ferreira e outros.

DOIS LIVROS DE VIAGEM

Dois livros de viagem acabam de ser publicados: «Conheçamos o Brasil, primeira», de Ary Machado Guimarães, e «Estados Unidos, milagre do trabalho», de Altino Bondesan. No primeiro, seu autor mostra-nos as coisas novas que conheceu em excursões turísticas, principalmente as majestosas cataratas do sudoeste brasileiro, sobressaindo a famosa «Sete Quedas», falando-nos ainda de Brasília, Paranaguá, Curitiba, Joinville, Blumenau, Caxias do Sul, etc. O segundo livro, «Estados Unidos, milagre do Trabalho», reúne as impressões de um líder sindical que, graças ao programa de intercâmbio cultural patrocinado pelo Ponto IV, visitou os Estados Unidos da América do Norte. As impressões de Altino Bondesan são as mais entusiasmáticas e é de um modo promissor que ele encara a chamada «realidade americana», seu povo, seus líderes e seus operários.

GENGIS-KHAN

A Editora Melso vem lançando uma série de livros de interesse, tais como obras filosóficas, biografias. Há pouco publicou uma síntese de «O Capital», de Karl Marx. Agora lançou uma biografia de Gengis-Khan, de autoria de Fernand Grenard, numa tradução de Epaminondas Martins. Tema fascinante, a vida do famoso guerreiro, fundador do povo mongol, conquistador da Sibéria, unificador da Ásia Central e do norte da China, que vem impressionando os estudiosos há sete séculos, é levantada neste livro através dos relatos dos viajantes, das lendas populares, dos manuscritos persas e chineses.

NOTÍCIAS

HOJE, na Livraria São José, será lançado, em tarde de autógrafos, o livro «Visões do Rio de Janeiro», em edição bilingüe, pela Pongetti, de autoria de Alfredo Stendardo, adido cultural da Embaixada da Itália no Brasil.

TAMBÉM na So José, às 17 horas, será entregue o Prêmio Orlando Dantas de 1960, instituído pelo «Diário de Notícias», e conquistado pelo poeta matogrossense Manoel de Barros, com o livro «Compêndio para uso dos pássaros», que será lançado na ocasião numa edição São José.

● AINDA hoje, na Livraria Eldorado, em Copacabana, será lançado, numa noite de autógrafos, o livro «Oswaldo Aranha», do Amílcar Alencastre.

● SEXTA-FEIRA, 30, será lançado em São Paulo, na Livraria Teixeira, o livro de poesia de Mário da Silva Brito, «Universo», editado pela Edameris.

● «RAIZ AMARGA», de Maria de Lourdes Teixeira, será traduzido para o italiano, conforme proposta recebida pela autora. Este romance paulista já se encontra em segunda edição entre nós.

Santos Moraes

24 DE OUTUBRO DE 1961

Compêndio para uso dos pássaros

Manoel de Barros, com o livro «Compêndio para uso dos Pássaros» conquistou em 1960 o prêmio Orlando Dantas do «Diário de Notícias». O livro em questão, editado pela Livraria São José, abre com uma página-epígrafe de João Guimarães Rosa, certeza de que o poeta vai procurar linguagem nova. E vai no rastro de autor de «Grande sertão: veredas». Inicialmente a poesia de Manoel de Barros poder-se-ia denominar de sumarenta, como daqueles sumos «apólis» cuja descoberta (em madurez) tanto me maravilhou. Só que na poesia deste «compêndio...» o que escorre mais é o sol. Discordamos da usança intencionalmente errada da gramática, o que certamente a sugestão inicial pretendia. Vê-se, e a titulação o indica, nos primeiros poemas, que vieram de falas de menino. Mas se perde em conservando a invenção da ignorância (inocente ignorância da infância que quer se expressar) tão diferente da invenção semântica (melhor do que invenção dita: criação) de um Guimarães Rosa. O livro é quase todo um lance poético em diversos gestos, como um riso estilhaçado para todos os lados de uma paisagem aberta. Tem, isso de bom, esta claridade estonteante do canto popular e uma sutil armação de imagens as mais simples. Só não imaginamos que nesta linguagem especiosa e truncada possa um poeta intentar uma obra. Assim o livro em questão soa como uma flor exótica e irrepetível. O que será a poética de Manoel de Barros? Para onde irá? Por esta razão preferíamos, para premiação, uma poética mais solidamente lançada, como a de Alcides Pinte (segundo lugar no concurso). Mas nada desmerece o curioso acesso de singeleza, a ingênua pauta do «compêndio para uso dos pássaros» que Manoel de Barros ditou em língua portuguesa.

Na parte inicial, a que já nos referimos antes, o poeta integra a onomatopéia não como explicação mas como complementação do discurso:

O menino caiu dentro do rio tibun
ficou todo molhado de peixe...

Por fácil que seja esta imagem «molhado de peixe» não deixa de ressonar encanto. E é bem, fala infantil — talvez na excessiva fidelidade à fonte resida a possível fraqueza da fábula de Manoel de Barros. E' mais ou menos como o fenômeno «Pequeno Príncipe» (de Saint Exupéry) que

nos abre uma preciosa revelação, num determinado dealbar da nossa sede, e que logo abolimos, por enredar o lugar-comum do profundo. E' um livro cuja verdade vai repousar no mais íntimo do leitor, mas que não pode ser repetida através do processo de amadurecimento sentimental que o impulsiona, a não ser que ele, o leitor, se conforme com uma chave de espuma com que se embriagar de delícias, tendo ao seu alcance, para muito além, uma chave de ferro com que se curtir em ferrugem e calosidade. Em rumo idêntico abordamos este compêndio que nos maravilha e logo desliza: bôlha irisada sobre uma onda. O que importa é o iodo: sangue e pigmento elementar. Ingênuo (no mau sentido) é esta doce estância:

A Noite caiu na árvore.
Maria pegou ela pra criar
e ficou preta.

E' um óbvio poético que funda a facilidade e desencanta. Já não é tão frágil a seguinte anotação.

Árvores com o rosto arreiado de seus
frutos ainda cheiravam a verão

Já na terminação deste poema faz uma inversão de atributos que até pode valer, mas não necessariamente e não como um verdadeiro achado:

Durante borboletas com abrit
este córrego escorreu só pássaros...

Então borboletas está em lugar de abril e pássaros em lugar de água. Mas — «durante borboletas com abrit» — não soa lá muito bem. Não convence, enfim. Bonito emboca.

Sinais de Guimarães Rosa são evidentes em versos como estes:

Seu caminho consiste para um esvôo rente
rente até o chão errar-se de seu
corpo.

Mas a verdade é que os recursos poéticos de Guimarães Rosa já estão, a nosso ver, esgotados em seu poema épico: «Grande Sertão: veredas», muito mais poema do que romance. E um tratamento assim conduzido a um blá-blá-bla de ingenuidade juvenil vai apenas desgastar o músculo da fonte de origem.

Tudo isto, estas rápidas observações que alinhamos, contudo, não despem o livre de seu encanto, de seu agradável existir sonoro, de sua imagética pueril e sincera. Se acusação nos cabe acrescer a tudo, seria a de que o poeta está nadando em facilidades, e se divertiu neste exercício. O bom livro de um poeta por se fazer está mais vivo nos indícios que revela, e na dimensão oculta sob estes indícios — uma dimensão que às vezes

vibra em intensa luta com todos os planos da linguagem assumida, com a seleção dos dons da força latente. Não há força na poesia de Manoel de Barros. Há poesia na poesia de Manoel de Barros. Por isso Manoel de Barros é inevitavelmente um poeta. Mas um poeta que agora precisa decidir-se: ser poeta ou ficar nisso. Para ser um poeta em prosseguimento, sem dúvida, exige-se (e não se imagina outra solução) dêle um acréscimo em sentido completamente oposto ao que nos vem de apresentar. Não mais este orvalho de desenho de Walt Disney, mas poesia. E poesia pela renúncia de sua fonte, a palavra infantil, a faina infantil (sem dúvida do filho que assiste crescer), a férvida lagoa do pensamento infantil.

Ja se evidencia um espinho de fase nova. Senão vejamos, em poemas em que ele assume um objeto e se exercita com mais nobre contenção:

UM BENTIVI

G leve e macio
raio de sol
se põe no rio.
Faz arrebol...

Da árvore evola
amarelo, do alto
bentivi-cartola
e, de um salto

pôisa envergado
no bebedouro
a banhar seu louro

pêlo enramado...
De arrepio, na cerca,
já se abriu, e seca.

É um poema desigual. Note-se o «faz arrebol...» que repudiamos. Mas o fim é magistral.

Há uma espécie de arte poética muito própria iniciando a parte intitulada «experimentando a manhã dos galos»:

...poesias, a poesia é
— é como a boca
dos ventos
na harpa

nuvem
a comer na árvore
vazia que
desfolha noite

e assim por diante. Sente-se neste poema a vivência sortaneja do poeta, aliando seu sentir poético a todos os seres de sua paisagem exterior, cavando sua realidade nesta outra vegetal e passaráil que o seduz.

Coisas mansas é outro bom poema:
Coisas mansas, de sela, andavam por
ali bebendo água...

Ventava
sobre azulejos
e municípios.

Ventinho de pêlo!
Monta nêle e vou
experimentando a manhã nos galos...

O' este frescor! como um afluente
de tua boca...

Há ainda «caminhada» outro poema de envergadura nesta parte final do livro, como o melhor vinho. Poema em que diz:

Caracóis passeavam com róseos casacos ao sol.
As mãos cresciam crespas para a água da tibia.

Começaram de mim a abrir roseiras bravas.
Com as crinas a fugir rodavam cavalos
investindo os ervalhos ainda em carne.

De meu rosto se viam ribeiros...

Limpanço da casa-do-vento os limos
no ar minha voz pisava...

A capa do livro bem define o seu espírito: desenhos de João Wenceslau Leite de Barros, 5 anos. É ponto de partida para o entendimento desta leve poética e do ponto-de-vista gráfico soluciona satisfatoriamente o volume.

«Compêndio para uso dos pássaros» fica sendo um livro diferente e verdadeiro, revelador de uma sensibilidade afinada, com muito de Guimarães Rosa e Raul Bopp, longinquamente dedilhando a música ingênua e filigranada de uma Lélia Coelho Frota (sábia lidadora de diminutivos e especíacos) — com tudo isto um livro agradável, que se guarda e recomenda.

(Remessa de livros e correspondência para Rua Alberto de Campos, 238, apt. 2).

Walmir Ayala



Caneco meus primórdios num andar.

UM DICIONÁRIO CRÍTICO PARA MANOEL DE BARROS

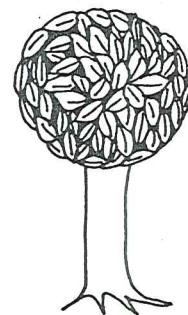
por Sérgio Rubens Sossella

Tanto escrever com a mais séria irresponsabilidade:
afim que não me chamem de conspícuo nem beletista
nem acadêmico.



aguinha. Bem pouca água. Ex.: "Ali tinha um jacaré morador magrento / compartilhando essa *aguinha* bem pouca". ("Poemas concebidos sem pecado", p.64). O terrível bicho, com unicamente uma pequena asa (arcaísmo de Portugal: "aguinha"; "novo dicionário etimológico da língua portuguesa", de Rodrigo Fontinha, rev. pelo dr. Joaquim Ferreira, p. 1907; Editorial Domingos Barreira, Porto, s.d.), assustou a pessoa de Cláudio. Depressa, sem demora. (Do mesmo autor, p.1.918, no verbete do advérbio "asinha"). Mestre Aurélio ("Novo dicionário da língua portuguesa", p.69, 1ª col.; 2ª ed., rev. e aum.; Editora Nova Fronteira S.A., Rio de Janeiro, 1986) conceitua "aguinha": depreciativo brasileiro para o medicamento homeopático em gotas. Feminino, singular, diminutivo, substantivo.

alga. "Dentre grades se *alga*, ele!" ("Arranjos para assobio", p. 58). São as mais simples das verdadeiras plantas" (Ian Tribe, O reino vegetal", p. 30; Col. "Prismas", 23; Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel/Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1975). Porque "têm um ciclo vital muito mais simples", duram "de meio a um dia" (Siegfried Strugger, "Biologia 1: botânica", p. 153; Col. Enciclopédia Meridiano Fischer", 9; Editora Meridiano, Limitada, Lisboa, 1970), sendo uma planta inferior (p. 255). Dentre grades, *algo* (pronome indefinido: alguma coisa qualquer ou parte de alguma coisa qualquer; advérbio: *algum*, um tanto pouco), que se *alga*. Algo, elemento de comparação, exprime a idéia de algas (Aleixo Robut et al., p. 51, 2ª col.), de dor e de frio. "Dentre grades se *alga*, ele!": *algum*, adj. que se aplica sem determinação a uma pessoa ou coisa entre muitas; um qualquer. Verbeté próximo de *alguém*.



— mais conhecidas

Por lava-lundas —

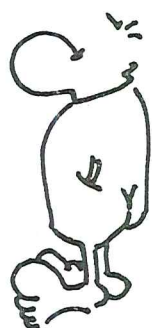


O sentir do poeta é

noite o silêncio estica os lírios.

penetroso. É sensual. Penso que esse possuir
pelo sentido, há de causar uma excitação nas
palavras.

amareluz. Amarelo + luz. O amarelo em todas as gradações luminosas. Substantivo feminino. Do baixo-latim hispânico "amarellu" e do lat. "luce". Augusto Magne, "Dicionário etimológico da língua latina: famílias de palavras e derivações vernáculas", vol. I, p. 238 (Ministério da Educação e Saúde/Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1952): a filiação no adjetivo latino *amarus* do adj. *amarelo*, se aplica, "de princípio, a plantas de raízes amargas." Luz amarga. Ex.: "Escorre na pedra *amareluz*." ("Arranjos para assobio", p. 22).



andarejo. (andar + adj. andejo: aquele que anda muito - andarilho, e por muitas terras; ao acaso, errante, vagabundo, vagueante). Pôs ênfase na raiz *and* e ainda manteve a sílaba "ar", formando andar, de novo. Se quisesse dizer, o andarejo é o que caminha muito, teria anotado "caminharejo", ou "caminhejo". Por aproximação com o vocábulo *viejo* (esp.), e, mais de perto ainda, ao que J.R. Cuervo chama "desinência" nas "Apuntaciones", "que a la vez está incluída bajo la denominación general de sufijo" (Juan B. Selva, "Trascendencia de la gramática de Bello y estado actual de los estudios gramaticales", p. 46; Editorial Kapelusz, S.R.L., Buenos Aires, 1950), me utilizo da denominada "qualidade abstrata" ("Gramática da língua espanhola: antologia e exercícios", de Maria do Céu Carvalho e Agostinho Dias Carneiro, p. 279; Fename -Fundação Nacional de Material Escolar/Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1969) para o sufixo nominal "ejo": diminuição, pendor, tendência, aparência, relação, procedência, residência. Ex.: "Pierrô é desfigura errante, *andarejo* de arrebol." ("Arranjos para assobio", p.18).

areientas. Ex.: "Um lagarto de pernas *areientas* / medra na beira de um livro". "Arranjos para assobio", p.50. Areia, em latim = *arena*, ou *harena*; lugar coberto de. *Arei(a)* + *enta*s (desinência peculiar a alguns adjetivos numerais cardinais", conforme Carlos Góis, "Dicionário de afixos e desinências", p. 66; 4ª ed., s.e., s.l., 1946). Ou areentas, arenentas, arenosas. O sufixo "-oso", igualmente, forma os prenotados adjetivos que sinalizam abundância. Arena, português e brasileiro: circo; espaço central onde os artistas se exibem. O espetáculo é o lagarto: "Em relação ao lado externo, contra a cidade, o circo representa uma mulher *inanimada*. Em relação ao lado interno, ele ergue uma muralha de homens. Todos os presentes viram suas costas para a cidade. Eles se desprenderam da ordem da cidade, de suas paredes, de suas ruas. Durante sua permanência no circo não lhes importa o que acontece na cidade. As pessoas deixam para trás a vida dos seus relacionamentos, de suas regras, de seus usos e costumes. Sua permanência em conjunto em grande número está garantida apenas por um determinado espaço de tempo; a excitação lhes foi prometida, porém sob uma condição muito especial: a massa deve descarregar-se para *dentro*". Elias Canetti, "Massa e poder", p. 27, e s., Editora Universidade de Brasília, Brasília/Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel, São Paulo, 1983. Um lagarto, pernas cheias de areia, medra na beira do centro, e não num livro.



Prego é uma coisa indiscutível
Não sei o que as pessoas vêm fazer na Terra;
Estão fôra de arame e de porco uncor?



queria crescer pra passarinho...

INÉDITOS

~~Sou conhecido de que o abandono do fôro a verso ruim.~~

por Manoel de Barros

DICIONÁRIO DO ORDINÁRIO

Eu queria crescer pra passarinho...
Me disse um tonto de estrada.
A fala dos tontos é imaculada.

•

Uma acácia pensou-me pra de noite.

•

Estão aí as libélulas (virgo virginis)
-mais conhecidas

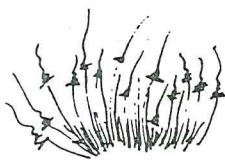
Por lava-bundas-
A refrescar nas águas suas bundas.

•

Cante só o que não presta, poeta, pois o que presta
desserve às Musas.

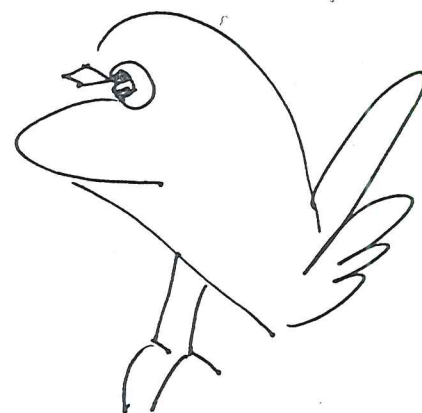
•

Bernardo, ele prende no grenho
Pregos, 1 cachimbo
1 dente de porco
Até os marimbondos fazem caixa nesse grenho.



sinhas pregadas na beina de um ralo são mais
importantes do que uma jóia pendente. E o eu de uma
miga é mais importante do que uma usina nuclear.

A refrescar nas águas suas bundas
(as nádegas dele) por lá?



O que eu ponho de cerebral nos meus escritos
é apenas uma vigilância, pra eu não
cair na tentação de me achar menos
tolo que os outros.
Eu sou um defeito de Deus.

•

Gosto prediletamente de quem não sou. Tento
desexplicar-me ao dente, com clareza,
para que me reconheçam. Tenho de me
cercar de imprecisões. Tenho de respeitar
as precedências. As nossas precedências são
a rã, a árvore, as pedras.

Acho a linguagem mais saudável quando
ela cultiva os despropósitos.

•

Quem come canela de cachorro em criança
vira andarilho - assim falou Zarasteu.
Zarasteu só aprende ciências que analfabetam.
Sou a autobiografia dele.



Bernardo, ele prende no grenho
Prego, 1 cachimbo
1 dente de porco.



RETRATO LITERÁRIO

1. Com pedaços de mim eu monto um ser atônito;
2. Sempre que eu desejei contar alguma história, não faço nada; mas quando eu não desejo contar nada, invento imagens.
3. Tudo que sei fazer são roupas para imagens.
4. Me apliquei muito bem no estudo do nosso idioma para saber melhor o lugar em que posso errá-lo.
5. Sou muito preparado de conflitos.
6. Eu demonstro a função dos desperdícios.
7. Coisinhas pegadas na beira de um ralo são mais importantes do que uma jóia pendente. E o cu de uma formiga é mais importante do que uma usina nuclear.
8. (Meus cabimentos vêm dos absurdos?)
9. Senhor, eu tenho orgulho do imprestável!
10. Perder o nada é um empobrecimento...
11. Queria ficar mais simples, queria ficar mais porcaria - para perder-me de amor.
12. Só as coisas rasteiras me celestam.
13. Todos os seres apropriados ao abandono me religam a Deus.
14. Tento escrever com a mais séria irresponsabilidade: afirmo que não me chamem de conspícuo nem beletista nem acadêmico.
15. O que procuro é o oriundo das palavras.
16. Carrego meus primórdios num andor.
17. Preciso das palavras iniciais que servem até na boca dos pássaros. As que ainda não aprenderam a andar. As que sejam ainda uma estultícia.
18. Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revelou. Nosso estilo há de estar embutido na boca.
19. Tudo que não invento é falso.
20. A minha diferença é sempre toda.
21. A razão me descompleta.
22. Ouço aves e betowens. Tem hora leio avencas, tem hora Proust. O dia vai morrer aberto em mim.
23. Eu faço o nada aparecer.

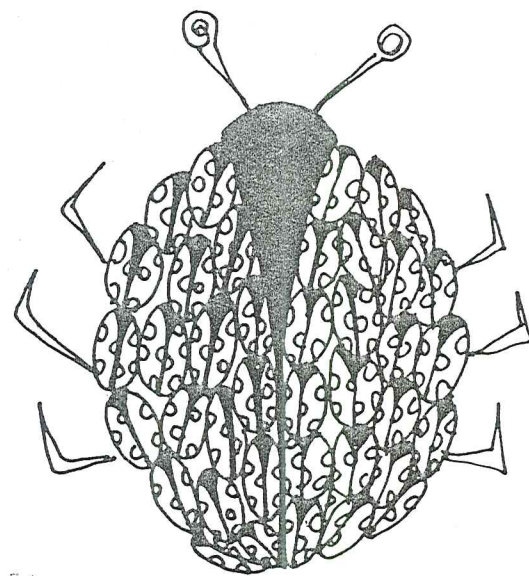


Se eu não me desfazer quero ver se completo 150 fragmentos.

SETE INCONCEITOS

- 1 - Grilo é um ser imprestável para o silêncio.
- 2 - O olhar do gafanhoto é sem princípios.
- 3 - Prego é uma coisa indiscutível.
- 4 - Os besouros não trepam no abstrato.
- 5 - Entre a relva e a rã a distância é a mesma.
- 6 - De noite o silêncio estica os lírios.
- 7 - Além das ressonâncias, o que dá poesia aos versos é o ilogismo.

O Lino novo do Neto chama-se
ANDANTE PUTAMENTE



Senhor, eu tenho orgulho do imprestável!



Este retrato literário seria, será, há de ser da "Autobiografia Religiosa que estou inventando para enfrentar a noite de meus bores". A ser em 150 fragmentos, como vê.





trepa no abstrato.



"PÃO OU PÃES É QUESTÃO DE OPINIÃES..."

J. G. Rosa



O mundo de um poeta é quase sempre contaminado
da sua inocência animal.

"Se você se detiver e analisar folhas, pêlos,
plumas, escamas, cristais e madrepérolas - o modo
como se resolvem em si mesmos e se imbricam com
seus pares-, você vai entender a poesia de Manoel de
Barros. Um verbo orgânico que obedece ao mesmo
plano diretor que orienta as teias de aranha, as
cadeias de enzimas, as barreiras de coral."

Jamil Snege

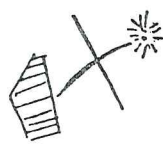


cão nosso

p/ Manoel de Barros

se no agro do vento o cão pluma,
no que sou de cavalo a coisa dobra;
se no oco da gruta o cão crime,
pela lesma do chão a sobra sobra;
se de súbito gesto um cão rumina,
de mim resvalo a via oclusa da sina;
se de gerânio cães floram e tecem,
de abril as chuvas de junho chovem;
se no ovo de si o cão no ovo do fruto,
passai, passai, meus elefantes de luto!

Wilson Bueno



Seu olhar é verde para
as. Verde de beijar as folhas, de beijar as
de tocar as águas.

"Manoel de Barros extrai música do coração do
chão rejeitado, pisado e mijado da civilização
ocidental. Extrai música das lesmas, dos líquenes,
das moscas e das formigas. Extrai música dos
besouros, dos cisos e das garças. Manoel de Barros
passou de poeta. Como aquele cristal de Vallejo
passou de animal. Como aquela flor que passou de
borboleta. Como a minha mulher, que passou de
orquídea."

Douglas Diegues



~~É prêmio observar a importância de uma coisa
entre as relva e a não a distância é a mesma.
dimensões que ela não tem.~~

"O estado existencial do inseto não corresponde ao estado daquele que rasteja atrás do pistolão em busca de favores pessoais. Por isso, descer emocionalmente ao nível do besouro, como faz o poeta Manoel de Barros em ARRANJOS PARA ASSOBIOS, constitui demolidora inversão de valores..."

Sérgio Medeiros



É certo que a invenção poética de Manoel de Barros tem personalidade própria rara entre os nossos poetas, rara mesmo entre os nossos grandes poetas. É por isso que ele é um poeta maior.

Mas não só por isso. Num momento em que somos catequizados como seres insuflados do divino mas ao mesmo tempo praticamos as maiores torpezas com os nossos semelhantes, é um esplendor ver luzir de forma tão convincente e harmoniosa a certeza de que entre o caramujo e o homem há um nexo necessário que nos deveria fazer mais solidários com a vida. Mas Manoel de Barros vai além: prova, com a doçura e adequação de suas palavras, que, se quisermos, a nossa vida pode ser uma passagem de beleza em meio à beleza natural, uma prece de harmonia na vida universal, uma nuga de graça, um momento de bondade, em que há algo de irônico, de lírico, de doce, de solidário, de esperançoso.

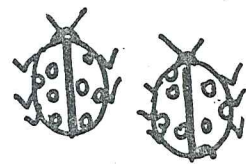
A poesia de Manoel de Barros, nesta nossa conjuntura, nacional e humana em geral, é um maravilhoso filtro contra a arrogância, a exploração, a estupidez, a cobiça, a burrice - não se propondo, ao mesmo tempo, ensinar nada a ninguém, senão que à vida.

Antônio Houaiss



Até os manimbóds fazem caixa nesse gremio.

Uma acácia pensou-me pra de noit



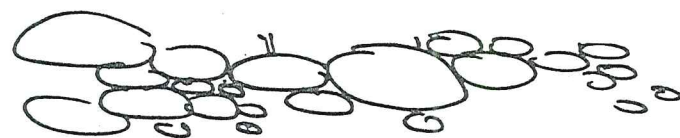
A poesia de Manoel de Barros me faz sentir menino no Pantanal, capando gato com caco de vidro, peleando porco no quintal, soprando cu de passarinho semi-morto para ressuscitá-los.

Me faz ouvir sinfonia de brejo chegando de mansinho no ouvido da gente, enquanto "os restos do dia" vão seguindo o vôo dos patos, até que tudo vira noite e um silêncio largo de úmido exala um cheiro viciado em lama.

Me faz desacreditar na realidade e acreditar na magia do mundo "sem existidura de limite", amplo, inconseqüente, fértil e louco; varrido por vendavais, amansado por brisas primaveris.

A poesia de Manoel de Barros é a sagração de lêndeas, larvas, lesmas, caracóis, cigarras, grilos, moscas, lagartixas, araras, papagaios, garças - e do desespero das aranguãs no clarear do dia, hora em que Bernardo acorda para sonhar.

Augusto César Proença



"...Custa crer que tanta inventiva, tanta força verbal, tanto colorido brasileiro tenham jazido tanto tempo no escuro!"

Ismael Cardim

A poesia de Manoel de Barros é uma inversão de valores.

Tudo que não inventa é falso



pedaços de mim eu monto um ser antônio.

4 PERGUNTAS PARA ANTÔNIO HOUAISS

por Douglas Diegues



teyu'í - Logo após a publicação do "Livro das Ignorâncias", um colunista do jornal "Folha de São Paulo" publicou um artigo dizendo, em síntese, que Manoel de Barros era um picareta, um farsante, um diluidor de Guimarães Rosa... O que o sr. pensa acerca disso?

Antônio Houaiss - Eu tenho a impressão de que quem teve essa audácia não é apenas um picareta, é um protótipo da picaretagem. Porque, realmente, ter a ousadia, por maior conhecimento de literatura que esse indivíduo tenha, de criticar Manoel de Barros - um dos dois maiores poetas vivos do Brasil e um dos grandes poetas da língua -, como um farsante, é, positivamente, um excesso de ousadia.

teyu'í - Como se explicaria o silêncio de alguns de nossos melhores críticos literários em torno da obra do poeta das pobres coisas sem importância do chão?

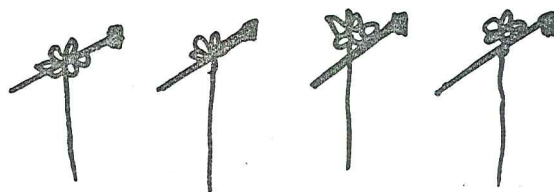
A. H. - A obra de Manoel de Barros tem duas características, que quem a conhece não pode ignorar. Primeiro, ela é uma contínua progressão no sentido da beleza, e, eu diria mais, da profundidade humana. Em segundo lugar, ela é de tal nível de originalidade, sem querer constituir escola para os outros, que realmente deve haver, entre as pessoas que acaso leiam, alguns que não afinem com ele, o que é perfeitamente compreensível. Agora, a ignorância não justifica o direito de criticar de uma forma imbecil, como foi feito no caso concreto dele. Manoel de Barros é, incontestavelmente, um profundo conhecedor da nossa língua, um filósofo, um mineralista, animalista, sensibilista como poucos, e, repito, um homem que tem tal grau de invenção que talvez a maioria dos quadrados não alcancem a significação de sua poesia.

teyu'í - Onde, de acordo com o sr., situaríamos a poesia de Manoel de Barros no contexto da poesia de todos os tempos?

A. H. - Eu confesso com toda humildade de quem vem estudando há quase oitenta anos a sua língua e a literatura de sua língua, quer dizer, a língua portuguesa e a literatura da lusofonia, que não pretendo ser um sábio. Mas confesso que sobre mim a ação, a influência, a percepção da obra de Manoel de Barros, transcende o cotidiano, o ordinário, o regular. Trata-se, repito, na minha opinião, de um dos grandes poetas que a língua portuguesa produziu, e um dos grandes poetas que o mundo no momento tem.

teyu'í - O sr. gostaria de acrescentar alguma coisa...

A. H. - Eu gostaria muito que ele recebesse o meu abraço, com essa distância quilométrica que nos separa, e que continuasse a ser iluminado como vem sendo, e continuasse a trabalhar essas coisas de beleza, de grandeza, de filosofia, e, sobretudo, de ética, que ele tem dado a nós.



nenhuma fique desamparado do ser que a revelou.

Em son um defeito de Deus.

ANTROPO-EX-CENTRISMO DE MANOEL DE BARROS

por Henrik Siewierski

Ação me descompõe.

Manoel de Barros seria um Raskolnikov da poesia?

A língua, velha usurária que empresta as coisas tornou-se alvo das suas intenções assassinas. Ele quer apenas "ser nas coisas" e para isso lhe parece indispensável "desprender-se da palavra", "deixar passá-la pelo estorço", "mutilar a sintaxe". Matar o princípio em nome da solidariedade com os "companheiros pobres do chão"? Mas em vez de se livrar dela, fica ainda mais dependente. A palavra é um princípio que mutilado ressuscita, revelando-se uma condição *sine qua non* da nossa comunhão com as coisas, pois sem a palavra seria impossível esta eucaristia, esta transsubstanciação que ocorre entre o poeta e a natureza.

Mutilando a língua-velha usurária que só empresta as coisas, o nosso Raskolnikov, ao cumprir penitência nas minas da poesia, descobre uma outra língua, cujos signos não emprestam ou representa as coisas, mas simplesmente (e religiosamente) são aquilo que denominam. Assim a palavra nossa de cada dia pode ser também o pão eucarístico da nossa comunhão com o mundo. Nessa comunhão o homem pode humanizar a natureza, "sagrar a lesma", "dar ascensão ao retolho", mas também "completar-se com os bichos", incorporar as coisas da natureza, "ver o mundo como a pequena rã vê a manhã de dentro de uma pedra".

A humanidade que Manoel de Barros quer partilhar com as coisas e os bichos não tem nada a ver com humanismo. Ele concordaria talvez com o filósofo José Maria Bochenski, que no seu dicionário de superstições (*Cem Superstições*,

1987), inclui o humanismo como uma das mais comuns dos nossos tempos. A crença de ser o homem a criatura diferente e superior a todas as outras, que vive na natureza mas dela não faz parte, de ser este animal cruel escolhido por Deus como seu amigo predileto, não tem embasamento nem na razão nem na experiência.

Desconfiando da superioridade do homem, Manoel de Barros confia porém na sua capacidade de incorporar, através da poesia, o que a civilização rejeita, despreza ou es-

viza. E não é só pela piedade. Nem se trata de uma reciclagem dos destroços e de inutilidades. O antropo-ex-centrismo do *Livro de Pré-Coisas* e da *Gramática Expositiva do Chão* leva o leitor a cogitar a possibilidade de ser justamente a fragilidade e não a superioridade do homem em relação à natureza a origem da civilização. A civilização que o faz esquecer a sua verdadeira humanidade, humanidade que só através da comunhão com as coisas pobres do chão pode ser recuperada e complementada.

Zaratan só aprende ciência que analfabeta.

Son a autobiografia dele.



WSPOMNIENIA

Spiczasty kapelusz panama, człowiek
Na białym kopiu przyjechał; stanął
Przed gankiem; powiedział trzy słowa;
Uśmiechnął się... Mój dziadek oddał sześć strzałów.

Nagle zmieniła się scena.
Siedemnastoletni stałem nad brzegiem morza!
Czytałem Knuta Hamsuna.
Mój wkrótce grał cichutko...

Wielka rzeka poezji
Przepływała przeze mnie, słodka...

/"Lembranças", *Poesias*, 1956/

formiga é mais importante do que uma mina subterrânea.



sem amigos editores, à sua doce amada, e a você.

Chua a brava, quer

RETRATO DE UN DESCONOCIDO o uma didática da invenção



por Jorge Montesino



Manoel no me mira, lee con atención un libro cualquiera.

Manoel podría ser mi abuelo.

Él y mi abuelo son contemporáneos, pero no se han visto nunca y sin embargo parece que ambos han dedicado su vida a las cosas de la naturaleza.

No podría definir la estatura física de Manoel. Sólo dispongo de dos fotos y ambas carecen de entorno de referencia que me ayude a definirla, pero por su fisonomía me lo hago un hombre de un metro ochenta largo.

Manoel tiene bigotes y cabello blanco, y sobre su importante nariz lleva un par de anteojos.

Manoel tiene un aspecto saludable mientras no me mira.

Manoel dice que la "Poesia é a virtude do inútil." y a mí me ha gustado esa definición. Me gusta también la base sobre la cual ha compuesto "O livro das ignorâncias": yendo al fondo del ser humano (al niño) que no conociendo cómo se nombran las cosas las nombra con la imagen.

Manoel apoya una mano sobre el hombro de Stella y sonríe a cámara. Ambos sonríen aún hoy a través del tiempo. Esa foto los hace inmortales. ¿Cuál será la historia de amor que hace tan importante la mano de Manoel sobre el hombro de Stella? Esta pregunta se equipara a esa otra pregunta que Manoel se ha hecho alguna vez: "Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos", o esa otra en la que busca saber "Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação".

Anna Regina estaba allí cuando ellos, abrazados, eram fotografiados. E incluso puedo suponer que la misma Anna Regina fue la que dió las instrucciones para que el fotógrafo quitara esa

toma en la que se ve a Manoel leyendo atentamente y dando vuelta una página.

Once veces Manoel ha reunido sus palabras en un todo y sin embargo dice "nunca sei quando meu livro está nos trinques".

Tal vez la mismísima Anna Regina fue quien tomó esas fotos y quien las seleccionó de un montón por ser las más significativas. Pero también existe la posibilidad de que Manoel haya sido quien tomó esas fotos de la caja de fotos familiares y se las haya entregado en propias manos a Anna Regina, quien agradeció ese desprendimiento del poeta.

Douglas me ha hablado de Manoel mientras comíamos al aire libre y nos preguntábamos "Qual o lado da noite que umedece primeiro".

Las fotocopias que Douglas me ha dejado hablan de Manoel.

Ahora mismo puedo verlo sentado en el sillón de esta sala o saliendo lentamente al balcón. Lo veo arrancar unas hojas del árbol que se mece sobre el balcón. Lo escucho decir "Que um rio que flui entre 2 jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre 2 lagartos".

Manoel es para mí un perfecto desconocido y sin embargo me habla, me mira, sonríe y me hace saber su forma de "apalpar as intimidades do mundo".

Manoel desaprende ocho horas por día, éso le enseña los principios con los cuales rige su transcurrir.

Silvia tal vez no sepa nada de Manoel, tal vez nunca escuche su nombre y tal vez ni siquiera le importe la poesía. Pero esa ya es otra historia y tal vez Manoel tampoco conozca nunca a Silvia.

Sin embargo "Stella me disse que isso aí não é poema. Será?"

Asunción, 19 de marzo de 1991



CARTA AO JOEL

por Manoel de Barros

Eu tenho dois anos.
Estou sendo criado no chão.
Meu pai é arameiro.
De tempo em tempo a gente muda de acampamento.
Todos os acampamentos são iguais.
Sempre em lugar mais alto e perto de uma aguada, onde a cerca vai passar.
Primeiro se limpa o mato por cima.
Depois se destoca.
Arrasta os paus.
Se aproveita a madeira mais reta para esteios, vigas, ripás.
Rapa-se o chão com enxada.
Faz-se um terreiro pequeno.
Aí se finca o rancho de palha.
Duas peças.
O quarto de dormir e a sala de comer.
Em volta da casa meu pai afastou o mato.
Mais ou menos três metros em redor.
É pra livrar a casa de bicho.
Eu tenho dois anos e aprendo a viver nesses terreiros de acampamento.
A mãe não tem tempo de me pôr no braço.
Tem que lavar roupa, fazer bóia pros piões, fazer vela, farinha de mandioca e outros trabalhos.
Quando eu choro a mãe me pega de um braço e me põe no peito enquanto mexe outra coisa.
A mãe ainda costura, faz roupa pra meu pai e vestido pra ela.
Eu brinco nu no terreiro.
Com outro irmão de três anos e o preto Germano que a mãe criou no peito desde Cuiabá.
Nós três brincamos de boi, cavalo de pau, de esticar arame na cerca.
Fazemos o que nosso pai faz.
Nosso brinquedo é só de pau: boi de pau, canga de boi, sabuco, canga pra sapo.
O dia inteiro a gente brinca no chão, com besouros, sapos, galinhas, etc.
Ou quando o pai trás do campo um cágado pra gente brincar.
Eu hoje amo as pobres coisas do chão porque fui criado com elas.
Já estou com 70 anos.
O preto Germano morreu de câncer.
Meu pai se foi.
Minha mãe se foi.
Os piões que trabalhavam com o pai de aprumar cerca também estão mortos.
Não sei o que estou esperando aqui.
Não compreendo quase nada.
Não sei o que as pessoas vem fazer na terra.
Esticar fios de arame e depois morrer?
É preciso mais biografia?





"A poesia de Manoel de Barros é um raro exemplo de uma voz pessoal e intransferível no contexto da poesia brasileira de hoje. Embora atenta à materialidade das palavras, traduz o mundo sensível através do filtro da intuição, da inteligência e da sensibilidade do poeta. É uma poesia que transfigura a realidade, realçando a sua dimensão metafísica."

Sérgio Rubens Sossélla

que procuro é o oriundo das palavras

Washington Novae

por Manoel de Barros

111000

Agora a viagem de uma palavra que eu acompanhei. É a história dos Dentecurtos. Conheci o tronco da família quando aportou na zona. Chamava-se Bitencourt e não tinha convicção nem chapéu. Bitencourt, de difícil pronúncia, ficou sendo Bentencu - que lembrava bentevi e cu. Mas esse Bentencu durou pouco. O dono não o aceitou porque a última sílaba o desmoralizava. Então lhe aplicaram Dentecurto, que dura até hoje. Talvez por aí se possa dar noção de como pode uma palavra ser descascada pelo tempo.

VIOLA DE CÔCHO

por Manoel de Barros

No outono de 1961, Manoel de Barros começa a publicar no jornal "Correio do Estado" (de Campo Grande-MS) uma coluna literária semanal intitulada "Viola de Côcho".

Nela, o poeta compartilha com os leitores textos seus e de outros autores, transcreve falas colhidas da boca dos viventes de brejo, desreflete sobre o fazer poético, destaca a importância da poesia das crianças, e luta, ao seu modo, pela libertação das artes e dos homens.

Porém, a coluna assinada pelo ilustre desconhecido Manoel de Barros não dura mais que três ou quatro semanas.

Ousando resgatar das traças da desmemória a breve experiência do poeta com o jornalismo cultural em Mato Grosso do Sul, reproduzimos nesta e nas próximas páginas uma mostra dessa que foi (e segue sendo, apesar de não existir mais) a melhor coluna literária que já existiu por estas plagas.

D. D.

Na minha infância, saracura era a ave que avisava chuvas. Nos fins de agosto, fartos de poeiras e de secas, todos sentíamos as chuvas que vinham de longe. Compadre Ventura, Compadre Amaro pregavam os ouvidos no chão, sentiam léguas na frente. Se falavam...

- Irimão, vai chover
- Saracura tá cantando...
- Proquê irimão?
- Ué, pô então saracura é deusi? Se fosse imbuzi sim...

Compadre Ventura sempre achava que, depois de Deus, só imbuzi (bugiu) podia chamar as chuvas. Mas compadre Amaro achava que era a saracura.



Bugre Neto, cumpadre Laurindo, Nho Veca, amigo de todos os entendimentos: escutadores de pássaros como de gente; almas de poeta, misturadas à terra, às plantas, às águas, aos bichos - escrevam-me sobre o que dizem os passarinhos em seus cantos. Vamos fazer um álbum dessas vozes.



VIOLA DE CÔCHO

MANUEL DE BARROS
OS «SONS GOTEJANTES»

Vila Mercedes distava 4 léguas do Porto da Manga, para quem entrava pela Nhecolândia. Não teria mais do que 10 casas. O Armazem de Ismael. A sede da escolinha — morada de tia Izabel. O rancho de seu João Damasceno — condutor das boiadas para o saladeiro. E nossa casinha de tábua. Pelos arredores, no meio do mato, ligados por trilheiros, os ranchos dos vaqueiros, espalhados. Uns 4 ou 5. Longe, a baía da Helena onde, nas férias, famos pelotear e jogar canga-pé.

Em um daqueles ranchos foi que assisti o cururu. Luar no terreiro. Ventão alisando o pixaim dos moleques. Mulheres com abanico de acuri espantando mosquitos. Negros e bugres dansando de roda e cantando com voz arrastada: caracachá caracachá/ fumo bão fumo ruim/ Eu queria sê garampo/ pra morá nos seus cabelo/ fumo bão fumo ruim... Um deles arranhava uma viola fanhosa. Soube serem as cordas feitas de tripa de bugiu.

Mais tarde, bem muito, no Roteiro de Macunaima, livro com que o nosso M. Cavalcanti Proença ganharia o prêmio que o havia de projetar no cenário da literatura nacional — reencontrei a violinha. A' página 153 estava a sua descrição: Violinha de «sons gotejantes». (Achei uma delícia aquele «sons gotejantes»). «O termo deve ter sido colhido em Rondônia de Roquete Pinto. É uma viola pequena, feita em geral de madeira de sarã, árvore das margens do Cuiabá, São Lourenço e Paraguai; as cordas são de tripa de macaco».

Quando eu pensava um título para esta coluna, lembrei-me dos sons gotejantes. E da rudeza do instrumento. Achei que me calhava. E me calha.

— XXX —

Para remessa de livros e informações:
Rua Rui Barbosa, 334.

Vila Mercedes distava 4 léguas do Porto da Manga, para quem entrava pela Nhecolândia. Não teria mais do que 10 casas. O Armazem de Ismael. A sede da escolinha - morada de tia Izabel. O rancho de seu João Damasceno - condutor das boiadas para o saladeiro. E nossa casinha de tábua. Pelos arredores, no meio do mato, ligados por trilheiros, os ranchos dos vaqueiros, espalhados. Uns 4 ou 5. Longe, a baía da Helena onde, nas férias, famos pelotear e jogar canga-pé.

Em um daqueles ranchos foi que assisti o cururu. Luar no terreiro. Ventão alisando o pixaim dos moleques. Mulheres com abanico de acuri espantando mosquitos. Negros e bugres dansando de roda e cantando com voz arrastada: caracachá caracachá / fumo bão fumo ruim / Eu queria sê garampo / pra morá nos seus cabelo / fumo bão fumo ruim... Um deles arranhava uma viola fanhosa. Soube serem as cordas feitas de tripa de bugiu.

Mais tarde, bem muito, no Roteiro de Macunaima, livro com que o nosso M. Cavalcanti Proença ganharia o prêmio que o havia de projetar no cenário da literatura nacional - reencontrei a violinha. À página 153 estava a sua descrição: Violinha de "sons gotejantes". (Achei uma delícia aquele "sons gotejantes"). "O termo deve ter sido colhido em Rondônia de Roquete Pinto. É uma viola pequena, feita em geral de madeira de sarã, árvore das margens de Cuiabá, São Lourenço e Paraguai; as cordas são de tripa de macaco".

Quando eu pensava um título para esta coluna, lembrei-me dos sons gotejantes. E da rudeza do instrumento. Achei que me calhava. E me calha.

Não pode haver ausência da boca na palavra



Perder o nada é um empobrecimento...

Julho tirava os frios. Está fazendo 20 anos. O menino voou, vum... pegou uma lua, disse - lua é bola? Havia os mais velhos sentados. Parece que diziam coisas graves, pelo feito das bocas. Negra Margarida trouxe cafézinho. Vagalumes piscavam por perto. Papai perguntou à visita como ia Cuiabá. Que ia bem, progredindo... Tudo era melhor na sua terra, tudo havia mais que que por ali. Nos brejos mais próximos a saparia cantava. Papai arriscou. E sapo nho Mané, tem mais por lá?

Pensou.

-Olha, cumpadre, sapo eu não digo que tenha mais, porém os poucos de lá cantam mais bonito...

Uma história de João.

Era um passarinho. Estava com fome. Foi na casa do menino. O menino deu comida. O passarinho abraçou ele. Ficaram amigos da vida.

Fizeram um barco de papel de passear no

rio. O jacaré deu uma bicada naquele barco, afundaram. O passarinho vum! foi por pico de um pau. O menino saiu montado no jacaré que não pulava, só corria corria. Daí o passarinho jogou uma fita colorida que o menino subiu por ela. O passarinho ficou abraçado no guri. Gostaram da vida.

Foram andando. O menino deu um chute numa pedra. A pedra acendeu. Eles correram. Veio uma menina loirinha chorando. O passarinho deu uma baleia pra ela. O biquinho dele fez piu piu. Sairam correndo correndo. Viraram Vento...

É moda hoje fazerem-se exposição de desenhos infantis, em todo mundo. Porque então não se procuram colecionar as histórias das crianças? Essa que reproduzi acima me foi contada por um menino de 5 anos. Copie você as histórias de seu filho na sua própria língua (dele) e mande-nos com nome e idade. As melhores pretendemos publicar nesta coluna. As mais interessantes do ponto de vista da fabulação e da linguagem escolheremos, para mais tarde enfeixarmos num livro. Pediremos sua publicação ao Ministério da Educação.

Pela importância que se estão dando hoje

às pinturas infantis, aos desenhos primitivos encontrados em grutas, etc., julgamos oportuna esta idéia. Há uma sede de pureza, de infância, nos artistas de nosso tempo. Há uma busca das fontes populares da linguagem. Uma revalorização da inocência contida nas lendas dos índios, na fala do povo, nas pinturas ingênuas. A essa sede queremos trazer nossa contribuição.

Ninguém mais do que Mário de Andrade sabia a gostosura da fala simples, da língua suja das feiras, da língua torta do povo. Língua pobre das ruas. Por isso desde cedo se voltou para essa fonte. E nela bebeu a seiva para suas obras. Toda sua linguagem é a de quem fez, o que Vieira mandava - "aplicar o ouvido à boca do bárbaro".

Macunaima está em língua brasileira. Mistura de todos os falares de norte a sul do Brasil. Do seringueiro do Amazonas ao gaúcho; do jeca paulista ao arigó; das quituteiras da Bahia aos nossos cozinheiros de comitiva. Tudo Mário de Andrade ouviu com aquela sua paciência de pesquisador, ilimitada.

Enquanto os parnasianos envesgavam os olhos para copiar a França e Coelho Netto se derretia por apolíneas formas helênicas, Mário buscava as raízes da nação. Mário so-

VIOLA DE CÔCHO

Manuel de Barros

Julho tirava os frios. Está fazendo 20 anos. O menino voou, vum... pegou uma lua, disse - lua é bola? Havia os mais velhos sentados. Parece que diziam coisas graves, pelo feito das bocas. Negra Margarida trouxe cafézinho. Vagalumes piscavam por perto. Papai perguntou à visita como ia Cuiabá. Que ia bem, progredindo... Tudo era melhor na sua terra, de tudo havia mais que que por ali. Nos brejos mais próximos a saparia cantava. Papai arriscou. E sapo nho Mané, tem mais por lá? Pensou.

- Olha, cumpadre, sapo eu não digo que tenha mais, porém os poucos de lá cantam mais bonito...

VIOLA DE CÔCHO

MANUEL DE BARROS

Uma história de João.

Era um passarinho. Estava com fome. Foi na casa do menino. O menino deu comida. O passarinho abraçou ele. Ficaram amigos da vida.

Fizeram um barco de papel de passear no rio. O jacaré deu uma bicada naquele barco; afudaram. O passarinho vum! foi pro pico de um pau. O menino saiu montado no jacaré que não pulava, só corria corria. Daí o passarinho jogou uma fita colorida que o menino subiu por ela. O passarinho ficou abraçado no guri. Gostaram da vida.

Foram andando. O menino deu um chute numa pedra. A pedra acendeu. Eles correram. Veio uma menina loirinha chorando. O passarinho deu uma baleia pra ela. O biquinho dele fez piu piu. Sairam correndo correndo. Viraram vento...

—XXXX—

É moda hoje fazerem-se exposição de desenhos infantis, em todo mundo. Porque então não se procuram colecionar as histórias das crianças? Essa que reproduzi acima me foi contada por um menino de 5 anos. Copie você as histórias de seu filho na sua própria língua (dele) e mande-nos com nome e idade. As melhores pretendemos publicar nesta coluna. As

VIOLA DE CÔCHO

Ninguém mais do que Mário de Andrade sabia a gostosura da fala simples, da língua suja das feiras, da língua torta do povo. Língua pobre das ruas. Por isso desde cedo se voltou para essa fonte. E nela bebeu a seiva para suas obras. Toda sua linguagem é a de quem fez, o que Vieira mandava - «aplicar o ouvido à boca do bárbaro».

Macunaima está em língua brasileira. Mistura de todos os falares de norte sul do Brasil. Do seringueiro do Amazonas ao gaúcho; do jeca paulista ao arigó; das quituteiras da Bahia aos nossos cozinheiros de comitiva. Tudo Mário de Andrade ouviu com aquela sua paciência de pesquisador, ilimitada.

Enquanto os parnasianos envesgavam os olhos para copiar a França e Coelho Neto se derretia por apolíneas formas helênicas, Mário buscava as raízes da nação. Mário sonhava o seu sonho mais querido que era o de entregar à literatura brasileira uma lin-

A nação me desumplata

seus estilos há de estar embutidos na boca.

